

Apresentação: Sujeito, História e Discurso: olhares teórico-analíticos

“Mas, quando falo dessas pequenas felicidades certas, que estão diante de cada janela, uns dizem que essas coisas não existem, outros que só existem diante das minhas janelas, e outros, finalmente, que é preciso aprender a olhar, para poder vê-las assim”.
(Cecília Meireles, 2016; grifos nossos.)

Iniciamos a apresentação deste dossiê (v. 1 n. 2026), com as formulações poéticas de Cecília Meireles, no formato epígrafe, como forma de ressaltar a questão do *olhar*. Estamos interessados, mais de perto, na relação entre o olhar e aquilo que dele deriva em termos de horizontes (entre)vistos. O olhar, em seus dizeres, não é uma prática naturalizada, dada, mas construída, apreendida, de modo a resultar em direcionamentos habilitados pela própria construção do olhar. E, desse olhar, advêm as “pequenas felicidades certas”.

Por assim dizer, na esteira poética de Cecília Meireles, derivamos esse pensamento para as questões teórico-analíticas. O campo teórico-analítico também é fruto do olhar, que vai sendo construído a partir de objetos, de conceitos, de materialidades, de redes de filiação, entre outros aspectos, resultando em uma heterogeneidade de *percursos*, de janelas que vão abrindo e abrigando horizontes (im)possíveis. Dessa forma, o olhar acaba por calibrar as tantas “felicidades certas” diante das janelas dos diversos pesquisadores.

As janelas que abrimos, com este dossiê, descortinam movimentos teórico-analíticos de diferentes pesquisadores de variadas instituições brasileiras e estrangeiras em torno dos construtos “sujeito”, “história” e “discurso”, deixando (entre)ver as suas redes de filiação teórica. Sendo assim, estamos interessados, mais precisamente, no modo como sujeitos e discursos, sempre compreendidos em uma relação de contiguidade, são habilitados na e pela historicidade. Pensar essa relação é relevante, pois nos permite captar, a partir de diferentes *corpora*, os processos discursivos que materializam as posições-sujeito na e pela sociedade. Esses processos apontam para o jogo (desigual) entre unidade-dispersão de sentidos, encerrando contradições no modo de inscrição das posições-sujeito. Por essa razão, na condição de pesquisadores, é sempre necessário lidar com a contenção e a deriva dos sentidos, para que essas contradições ganhem legibilidade.

Neste ponto, gostaríamos de ressaltar que este dossiê marca mais uma parceria de trabalho entre seus organizadores, tendo por base os percursos teórico-analíticos em torno da Análise de Discurso materialista. As “felicidades certas” de nosso encontro advêm desde a cooperação científica do Projeto PROCAD AMAZÔNIA (Edital nº 021/2018 – CAPES), intitulado “Linguagens, Formação Docente e (Com)figurações nas Amazôniaas”. Desse momento até os dias atuais, muitas janelas foram abertas em termos de horizontes de trabalho no e pelo discurso.

Iniciando o presente dossiê, composto por onze artigos, **Janete Silva dos Santos, Nilsandra Martins de Castro, Valéria da Silva Medeiros e Luíza Helena Oliveira da Silva**, no artigo *Discursivização sobre a Mulher-esposa no código Civil e na Literatura Clássica Universal e Nacional*, problematizam os efeitos de sentidos atribuídos à mulher casada nos Códigos Civis de 1916 e de 2002. Adotando como aporte teórico-metodológico a Análise do Discurso de base francesa, o trabalho cruza o ordenamento jurídico com representações de personagens na literatura clássica. A pesquisa demonstra como a autonomia jurídica feminina resulta de lutas históricas, evidenciando as barreiras estruturais e as disparidades materiais que ainda tensionam a aplicação prática dessas conquistas contemporâneas.

Em seguida, **Solange Mittmann e Aléxia Maria Lopes de Souza**, no trabalho *Ainda é preciso dizer: Meu corpo não é máquina de Reprodução*, discutem o modo como as mulheres são abordadas no discurso institucional de apresentação dos dados do Censo Demográfico de 2022, divulgado pelo IBGE em 2025. Ancorado nos estudos feministas, o artigo percorre diferentes períodos históricos para debater os mecanismos de controle, dominação e opressão dirigidos aos corpos femininos. O estudo relaciona tais práticas às estruturas sociais e políticas, destacando a disputa ativa pela autonomia e pela representação da condição feminina na modernidade.

No terceiro artigo, *Maria Louca e a representação da mulher no Sertão Garimpeiro no Antigo Norte Goiano*, **Brendon Husley Rimualdo Rodrigues** problematiza as relações sociais marcadas por violência e desigualdade que atravessam a experiência feminina na literatura regional do antigo norte goiano, atual estado do Tocantins. A partir de um olhar historiográfico e interdisciplinar sobre o conto “Maria Louca”, de Juarez Moreira Filho, o autor investiga como a loucura e a busca pelo cristal de rocha configuram o imaginário sertanejo. A análise revela o lugar da mulher em um cenário eivado de machismo, tomando a narrativa literária como espaço de denúncia e resistência contra silenciamentos históricos.

Felipe Gonçalves Carneiro, João de Deus Leite e Rosa Martha Aréballo Bustamante, no artigo subsequente, *Ensino da Língua Portuguesa como língua de acolhimento a refugiados Hispanofalantes no Tocantins: Sujeito, escrita e acolhimento*, analisam o processo de ensino-aprendizagem de português para deslocados forçados na cidade de Araguaína. Com base no dispositivo teórico-analítico da Análise de Discurso materialista, os pesquisadores examinam as práticas de produção textual e a relação constitutiva dos sujeitos com as línguas em jogo. Mobilizando uma proposta de intervenção pedagógica, o estudo aposta na dimensão da singularidade para produzir deslocamentos significativos na escrita e na constituição subjetiva do refugiado.

No quinto artigo, *Sigilo pra ele... Vigilância pra você: Análise do discurso retórico sobre fiscalização do Pix*, **Alécio Vaneli Gaigher Marely, Romário Neves Coelho e Gabriel Lima Mota** investigam a construção ideológica e o engajamento político em pronunciamentos de redes sociais sobre a movimentação financeira. Utilizando o ferramental da Análise Crítica do Discurso (ACD) e da Retórica, os autores destrincham o uso estratégico de *ethos* e *pathos* voltado à criação de um inimigo comum e à mobilização do auditório. O trabalho conclui que tais enunciados operam falácias e estratégias de unificação e fragmentação para sustentar posições de poder simbólico e narrativas polarizadas na rede.

Dando continuidade, **Marlzonni Marrelli Matos Mauricio**, no trabalho *À sombra do Darwinismo social: Representações raciais em O Cortiço (1980), de Aluísio Azevedo*, debruça-se sobre a famosa narrativa de 1890 para examinar a caracterização social e racial de personagens centrais como João Romão, Bertoleza, Jerônimo e Rita Baiana. Mobilizando os conceitos teóricos de representação, prática e apropriação, o pesquisador investiga o deslocamento ideológico da sociedade brasileira no cenário pós-abolição. O estudo analisa criticamente o romance enquanto espaço de construção de sentidos marcado pela ascensão do pensamento eugenista e pela consolidação da tese do branqueamento.

Kelvin Oliveira do Prado e Maria de Fátima de Andrade Ferreira, no artigo *Linguagem, discurso e subjetividade na historiografia: questões do tempo presente*, discutem a inserção ostensiva das noções de linguagem-discurso, sujeito e subjetivação no campo do fazer historiográfico. Os autores debatem como elementos tradicionalmente vinculados à linguística e à filosofia passaram a reconfigurar o pensamento e a consciência histórica contemporâneos. A partir desse enquadramento, o trabalho

demonstra que as experiências de grupos historicamente subalternizados provocam fissuras necessárias no discurso historiográfico acadêmico tradicional.

No oitavo artigo, *“Não é hora de procurar culpados”*: *O capitalismo de desastre entre a estrutura e o acontecimento*, **Lucas Alves Selhorst** analisa o enunciado proferido pelo governador do Rio Grande do Sul durante as graves enchentes que assolaram o estado em 2024. Sob a perspectiva teórica da Análise do Discurso, o autor investiga como o enunciado opera como um gesto de negação que, paradoxalmente, expõe a existência de responsabilidades ao tentar diluí-las. Ao examinar a circulação dessa materialidade na política, no futebol e em memes, o texto discute como tais discursividades naturalizam tragédias e reforçam o modelo político-econômico do capitalismo de desastre.

Na sequência, **Ana Karoline Gonçalves Gomes, Aline Lopes de Aguiar, Ana Paula Feitoza Ferreira Santiago, Fabiano Geraldo Barbosa e Tarciana Almeida Saraiva Vasconcelos**, no artigo *Banco Mundial e educação: a agenda do capital para a periferia do capitalismo*, analisam a influência desse organismo internacional nas diretrizes educacionais a partir de um panorama histórico, social e econômico. Apoiada no método do materialismo histórico-dialético e em uma minuciosa análise documental, a pesquisa debate as disputas ideológicas e o binômio pobreza-segurança. O texto critica o deslocamento da centralidade do ensino em prol de competências pragmáticas e metas de desempenho que moldam as atuais políticas para a Educação Básica.

No décimo e penúltimo artigo, *Labirintos do Eu e do Outro: Entre Borges, Pré-Socráticos e Redes Digitais*, **Vanda Maria Sousa** analisa as redes sociais online como verdadeiros labirintos contemporâneos, situando o sujeito na intrincada relação entre história, discurso e experiência. A reflexão articula de forma inventiva a metáfora labiríntica de Jorge Luis Borges com a tensão pré-socrática entre permanência e mudança, somada à análise foucaultiana dos dispositivos de saber-poder. A partir desse enquadramento, a autora examina as dimensões da alteridade, da mediação algorítmica e da corporeidade, propondo uma ética da atenção e da resistência perante os dispositivos digitais.

Encerrando o presente dossiê, o artigo *Permanência de estudantes negros nos cursos nas áreas de ciências da saúde em foco: Panorama da produção de artigos sobre cursos de graduação em universidades públicas brasileiras*, de **Mariana Gesteira da Silva e Alexandre Brasil Carvalho da Fonseca**, consiste em uma revisão sistemática de literatura sobre as ações afirmativas no ensino superior. Amparados na Análise de Conteúdo de Bardin, os pesquisadores investigam os desafios socioeconômicos, raciais e

de gênero enfrentados por esses alunos no ambiente acadêmico. O estudo aponta a necessidade urgente de ampliar as políticas de inclusão e o apoio estudantil, evidenciando que a produção científica sobre o tema ainda se mostra limitada.

Por fim, não perdendo de vista a metáfora das janelas e, sobretudo, das “felicidades certas”, convidamos você para os horizontes de leitura (im)possíveis com cada artigo deste dossiê... As janelas (entre)abertas abrem espaços para felizes encontros...

Organizadores

Profa. Dra. Solange Mittmann (UFRGS)

Profa. Dra. Janete Silva dos Santos (UFNT)

Prof. Dr. João de Deus Leite (UFNT)